

**BACHAREL ANTÓNIO SOUSA TORRES (1876-1958): CONTRIBUTOS DE UM
“NATURALISTA-GEOLÓGO” PARA A ORGANIZAÇÃO DOS ACERVOS
GEOLÓGICOS DAS FACULDADES DE CIÊNCIAS DO PORTO E LISBOA**

JOSÉ MANUEL BRANDÃO

Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência. Évora
josebrandao@gmail.com

Palavras-chave: *Naturalista; Coleções geológicas; Museu Mineralógico e Geológico; António Sousa Torres*

As principais tarefas de gestão das colecções dos museus universitários de História Natural estavam tradicionalmente confiadas aos naturalistas, a quem competia, como investigadores, a colheita, preparação, conservação e classificação dos exemplares, bem como a missão de seleccionar e dispor os objectos para pública fruição.

Apesar da relevância da actividade desempenhada, que frequentemente marcou de forma indelével a constituição e organização espacial e científica dos acervos, perdurando para além do seu afastamento do trabalho, parte da memória destes trabalhadores “invisíveis” esbateu-se com o tempo, secundarizada pelo estatuto académico ou hierárquico dos respectivos directores.

Como caso exemplar, a presente comunicação aborda o contributo do bacharel em Filosofia Natural pela Universidade de Coimbra, António da Silva e Sousa Torres (1876-1958), “naturalista-geólogo” dos museus mineralógicos anexos às Faculdades de Ciências do Porto (1912-19) e de Lisboa (1919-46).

Além das tarefas docentes em que foi solicitado colaborar, Sousa Torres realizou também, como naturalista do museu do Porto, alguns trabalhos de campo e, na Faculdade de Ciências de Lisboa, onde permaneceu até à aposentação, reclassificou e rearranjou as colecções de estratigrafia e paleontologia, elaborando os respectivos catálogos, e imprimindo-lhes a organização que perdurou até 1978, aquando do incêndio que destruiu parte do edifício da Faculdade.

Sublinha-se ainda o seu contributo, nos anos trinta, sob orientação de Machado e Costa, para a organização da Sala do Império Colonial, onde foram dispostas as colecções ultramarinas dispersas pelas várias secções do museu, com ênfase nas colecções de Angola, cuja “Missão Geológica” Torres ajudou a criar e instalar.

INTRODUÇÃO

Poucas são as vezes em que a visita aos museus de História Natural, permite celebrar de forma evidente, o papel crucial que os naturalistas desempenharam na sua emergência. Com frequência, o tempo apenas conservou o nome dos principais responsáveis pelas respectivas instituições, deixando apagar os daqueles que exercendo a sua actividade num nível de decisão diferente, tiveram, contudo, o privilégio de reflectir no produto do trabalho, as suas próprias convicções científicas e museológicas.

No caso particular do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Lisboa, actual secção do Museu Nacional de História Natural (adiante referido por MMG) merecem particular referência os naturalistas que por ali passaram até finais da primeira metade do século XX. O trabalho desenvolvido, renovado a cada sucessão no cargo, moldou, de forma indelével a organização das colecções que perdurou praticamente até ao incêndio que em Março de 1978 destruiu a parte do edifício da Faculdade onde estava sediado o museu.

Mais do que uma nota biográfica, que outros fizeram melhor e no momento oportuno¹, o presente texto procura dar relevo à contribuição destes trabalhadores invisíveis, passando em revista a actividade de um dos naturalistas que se dedicou, de corpo e alma, à organização das colecções do MMG: António da Silva e Sousa Torres (1876-1958). Este ensaio é, em grande parte, fruto do estudo do espólio documental do naturalista legado ao museu pela família, após o falecimento da sua esposa, Branca Edmée Marques (1899-1986), professora de Química da Faculdade de Ciências de Lisboa.

PERCURSOS

António da Silva e Sousa Torres nasceu em Lisboa, na freguesia de S. Paulo, em 11 de Setembro de 1876. Era filho do Dr. Leonardo da Costa Torres, oficial médico da Marinha de Guerra e de D. Emília da Silva e Sousa Torres.

Após os estudos iniciais, ingressou na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra onde se graduou como Bacharel em *Philosophia Natural* (1901) com a informação final de “Em merecimento literário: Bom com treze valores”, e menções de “*Nomine discrepante*” nas cadeiras de Zoologia e Mineralogia².

A actividade profissional foi iniciada em 1906 na cidade do Porto, como professor interino do Liceu Central, mais tarde denominado Liceu Rodrigues de Freitas, tendo ali exercido durante seis anos a docência das disciplinas de Ciências Naturais e Físico-Químicas e, pelo seu domínio das línguas estrangeiras, o ensino do Francês e do Inglês. Este período de trabalho

¹ V. Assunção, 1958. Inclui nota bio-biográfica.

² Cf. [Concurso para o lugar de assistente do 1º grupo 3ª secção], Pasta concursos, cx 10, AHMCUL.

ficou assinalado por várias referências elogiosas que os sucessivos reitores lhe fizeram, quer respeitantes à prática pedagógica, quer em relação às suas colaborações benévolas na aquisição de materiais para as aulas.

Em 1912, antevendo o seu ingresso na Faculdade de Ciências do Porto, empreendeu, a “expensas próprias” como fez questão de sublinhar, uma visita a alguns dos mais notáveis laboratórios de Mineralogia e Geologia da Europa, com maior permanência nos Museus de História Natural de Londres e Paris, e na secção mineralógica da Academia das Ciências de Munique, então dirigida por von Groth (1843-1927)¹.

O “TIROCÍNIO” NA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO

Mediante concurso por provas públicas para o qual foi elaborada a sua primeira monografia geológica², Sousa Torres foi admitido em 1912 como 2º assistente provisório Faculdade de Ciências do Porto e, em Dezembro desse ano, nomeado Naturalista adjunto do recém-criado Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico, lugar em que se manteve até Julho de 1919. Durante esses anos pioneiros de organização do museu constituiu várias colecções estratigráficas das formações do norte do país, bem como organizou o arquivo fotográfico do gabinete, constituído por grande número de clichés relativos à geologia portuguesa (Rosas da Silva, 1937).

O Regulamento do Museu Mineralógico aprovado em 1915 consignava, de certa forma, a dinâmica que se manteve naquele estabelecimento ao longo do tempo, segundo as duas grandes áreas disciplinares: estratigrafia e paleontologia, por um lado, e mineralogia e petrografia, por outro.

Informam os directores dos museus [Aarão de Lacerda e J. Castro Portugal] ter aceite, para regulamento interno ... o regulamento do Museu e Laboratório Zoológico da Universidade de Coimbra [...] Para que os naturalistas não sejam incumbidos simultaneamente de duas tarefas diferentes, combinaram os mesmos directores em separa-las do seguinte modo: nos meses de Janeiro, Março, Maio, Julho e Setembro, executar as tarefas para o museu de Geologia e Paleontologia e nos meses de Fevereiro, Abril, Junho, Agosto, Outubro e Dezembro, prestará serviço no museu de Mineralogia e Petrologia³.

¹ Cf. A.S.Torres, Arquivo biográfico. 5/11/1942. ST92.38. AMMG.

² “*Estudo sobre a rocha esculptuária de S. Gens*. Fac. de Ciências do Porto”, 1912.

³ Cf. [Carta dos directores dos museus da FCUP a A.S.Torres], 1915. ST92.51. AMMG. Estes dois “museus” tomaram, mais tarde, as designações Museu (ou Sala) Wenceslau

A nota porventura mais relevante do seu trabalho como naturalista, para além das tarefas de gabinete, respeita aos trabalhos de campo nas formações do Devónico de S. Félix de Laundos-Rates (Póvoa de Varzim) entre 1917 e 1919, os quais permitiram a recolha de grande quantidade de fósseis estudados com Ernest Fleury (1878-1958), professor da Universidade Técnica de Lisboa. Deste trabalho resultou uma comunicação conjunta à Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais (Março de 1918) e, mais tarde, uma apresentação de Sousa Torres ao Congresso para o Progresso das Ciências em 1921¹.

Entretanto, no MMG de Lisboa surgira uma vaga de Naturalista adjunto, deixada em aberto pelo falecido Jacinto Pedro Gomes (1844-1916), cujo preenchimento por concurso não tivera sucesso. Romão de Sousa, preparador do departamento de minas do Instituto Superior Técnico e antigo colector de Nery Delgado, da Comissão Geológica é o primeiro a insistir na sua transferência para Lisboa, disponibilizando-se para interceder junto do general Alfredo Freire de Andrade, (1859-1929), lente da Politécnica e, no IST, junto de Alfredo Bensaúde e de E. Fleury, para um eventual cargo no Instituto. E não terá sido o único amigo de Sousa Torres a insistir na sua transferência; Sousa Pinto dir-lhe-ia mesmo que se ele não viesse para a Politécnica poderia o lugar seria ocupado por um “qualquer *savant* de pacotilha”².

Com pena dos seus antigos directores a transferência do naturalista viria contudo a efectivar-se em Julho de 1919.

Tenho verdadeiro pesar em saber que o Dr. Torres nos deixa, preferindo Lisboa. É porém um homem novo e, já por mais de uma vez lh’o disse, tem de aproveitar a sua vocação em um meio em que existam pelo menos os elementos basilares para o trabalho da especialidade a que se dedica. De resto a sua amizade pode continuar a prestar-nos serviços valiosos e contando com a sua boa recordação da nossa *Alma mater*, frequentes vezes hei-de recorrer ao Dr. Torres para resolver as dificuldades que só um bom amigo que nos sirva de dedicado auxiliar em Lisboa nos pode resolver³.

NOMEAÇÃO PARA O MINERALÓGICO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

de Lima e Museu de Mineralogia Portuguesa, actual Sala Montenegro de Andrade, respectivamente.

¹ V. *Subsidio para o estudo da fauna coblenziana de Rates (região de S. Félix de Laundos)*. Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Primeiro Congresso [Porto]. Sep. Coimbra, 1926.

² Cf. [Carta de Júlio S. Pinto a Sousa Torres], 14/01/1916. ST92.224. AMMG.

³ Cf. [Carta de Aarão de Lacerda a Sousa Torres], 1919. ST92.195. AMMG.

Consciente do trabalho existente e aproveitando as mudanças administrativas e estruturais propiciadas pela criação do Museu Nacional de História Natural¹, Francisco Roquette (1844-1931), lente proprietário da 7ª cadeira e director do MMG conseguiu abrir dois lugares de naturalista, tendo sido aprovados Sousa Torres e Carlos Bento Freire de Andrade (1893-1956), engenheiro de minas pela Royal School of Mines (Londres).

Embora tenham encontrado o museu já estruturado em moldes científicos, pelos seus antecessores Xavier d'Almeida e J. Pedro Gomes (1883 a 1916), os avanços das ciências geológicas e os conhecimentos que ambos haviam adquirido no estrangeiro, levaram os novos naturalistas a propor um plano de renovação, que incluía, como tarefas prioritárias, a organização de colecções portuguesas e a remodelação da exposição permanente. Este ambicioso projecto só começaria, porém, a tomar corpo pelos finais da década de vinte, adiado pela estadia de Sousa Torres em Angola chefiando a Missão Geológica e pelas deslocações a África e outros afazeres profissionais de F. de Andrade.



Figura 1. Diploma de provimento como Naturalista do Museu Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. 20 de Junho de 1919. Cortesia do MMG.

Após o regresso de Angola em 1926, Sousa Torres dedicou-se afincadamente à reorganização das colecções de Paleontologia, área a que esteve sempre afecto (Assunção, 1958), reclassificando e reacondicionando largas centenas de fósseis. Paralelamente ocupou-se também com as colecções de Angola, de onde chegaram várias remessas de amostras inicialmente pela sua própria mão e, posteriormente através dos seus anteriores companheiros de trabalho na Missão Geológica, Fernando Mouta e Alexandre Borges com quem manteve correspondência regular.

De entre as várias tarefas urgentes, relativas à “remodelação” das colecções do MMG, “delicado e árduo empreendimento” nas suas palavras, o

¹ V. Decreto N.º 5689 de 10 de Maio de 1919.

naturalista indicava como prioritárias, a “reforma” das etiquetas que, na colecção paleontológica se encontram em mau estado (cerca de 8000 exemplares), a organização de uma colecção de verbetes sobre os principais assuntos “paleontográficos” e geológicos, a passagem a tinta das numerações inscritas no *Lehrbuch v. Palaeontologie* de Zittel, referentes aos géneros que compõem a colecção paleontológica do MMG e o relacionamento das espécies abrangidas por cada género ali marcado representado por exemplares na colecção¹.

Desde a sua criação, ligado à Secção Mineralógica do Museu Nacional (1862), que o orçamento do MMG, ao contrário do museu Zoológico, nunca foi claramente contemplado com verbas para a recolha sistemática de amostras do território nacional. Aliás, a carência de colecções nacionais foi sempre um ponto fraco do MMG. Sousa Torres, por sua própria iniciativa, na sequência da oferta de um dente de mastodonte descoberto nas obras do aeroporto de Lisboa, foi reunindo uma colecção significativa de restos de vertebrados fósseis miocénicos de Lisboa, sobretudo mamíferos (Antunes, 2010).

A pequena nota que publicou em 1935², chamou a atenção Georges Zbyszewski (1909-1999), dos Serviços Geológicos que, nos anos seguintes, promoveu recolhas sistemáticas nos diversos areiros miocénicos de Lisboa. O estudo dessas recolhas foi publicado por Zbyszewski numa “memória” de referência³ e, mais tarde, propiciou a publicação de outro trabalho assinado com os franceses F. Bergounioux, e F. Crouzel⁴, em que são referidos alguns exemplares da colecção de Sousa Torres, entretanto oferecida ao museu dos Serviços Geológicos. Na continuação da sua investigação sobre as faunas de vertebrados fósseis de Lisboa, Sousa Torres publicaria ainda um pequeno artigo para sublinhar a descoberta de restos de *Trionyx*⁵, uma tartaruga carnívora, certamente a primeira referência à presença desse género no Cenozóico português.

Quadro I. Principais catálogos dactilografados preparados por Sousa Torres

Título	Observações
Minerais do Ultramar Português	130 amostras
Exemplares malacológicos actuais	199 exemplares

¹ Cf. A.S.Torres, [Nota sobre as tarefas a fazer], 22/10/1931. ST92.150. AMMG.

² Mais um dente de *Mastodon (Tetrabelodon) angustidens*, Cuv., colhido no Terciário de Lisboa. *Bol. Mus. Lab. Min.e Geol. Univ. Lisboa*, 4: 41-44, Lisboa, 1935.

³ Zbyszewsky, G., 1949. *Les vertébrés du Burdigalien supérieur de Lisbonne*. Lisboa. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal.

⁴ Bergounioux, F., Zbyszewski, G. et Crouzel, F., 1953. *Les Mastodontes Miocènes du Portugal*. Lisboa. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal.

⁵ Um *Trionyx* do Tortoniano português. *Bull. Soc. Port. Scie. Nat.*, 15 (19): 109-111. Lisboa, 1945.

Colecção malacológica de comparação	207 exemplares
Amostras paleo-conchológicas da Ilha de Sta. Maria (oferta do Prof. Ruy T. Palhinha)	26 exemplares
Colecção de Paleontologia: Resenha genérica	81 páginas sobre paleozoologia e 9 páginas sobre paleofitologia
Colecções paleontológicas	Enumeração sistemática de 3891 espécies revistas
Colecção geral de estratigrafia estrangeira	896 exemplares estrangeiros e 249 portugueses

Se bem que partilhadas as responsabilidades de gestão das colecções mineralógicas com Freire de Andrade, que criou a “galeria de minerais portugueses” instalada no corredor lateral do claustro, pode dizer-se que se deve a Sousa Torres a organização de toda a exposição existente à data do trágico incêndio de 1978, que se tornou permanente a partir de 1934 (Carvalho e Lopes, 1987).

ESTÁGIOS NO ESTRANGEIRO E BOLSAS DE ESTUDO

Em 1927, Bacelar Bebiano (1894-1967) chefe da Missão Geográfica de Cabo Verde, entregou ao museu, para determinação específica, uma colecção de conchas “sub-fósseis” das praias levantadas, na sua maioria da ilha de Santiago¹. Sousa Torres, que preparava na altura uma deslocação ao estrangeiro, consciente da dificuldade da tarefa proposta, disponibilizou-se para procurar todas as informações que permitissem levar esse trabalho a bom porto, aproveitando para isso parte do estágio de 60 dias que iria realizar no Museu de História Natural de Londres, “sem encargos para o estado além dos vencimentos que lhe competiam como naturalista”².

Embora após dedicado trabalho concluisse que a amostragem disponível não oferecia ainda dados suficientes para uma descrição definitiva, o estudo efectuado permitiu-lhe redigir uma pequena nota científica³, e datar as formações fossilíferas de Santiago como pertencentes ao Helveciano e Tortoniano, confirmando assim anteriores observações feitas naquela ilha por outros naturalistas, nomeadamente por Charles Darwin, quando ali aportou no início da viagem do Beagle.

¹ Cf. A.S.Torres, [Nota sobre “A sala do Império Colonial português”], 1937. ST92.151. AMMG.

² Cf. A.S.Torres, [Nota curricular e contagem de tempo de serviço] [1944?]. ST92.19. AMMG. Verificámos discrepâncias entre as várias notas de AST relativamente à data correcta e duração deste estágio, muito provavelmente realizado em 1927.

³ V. Notas para o estudo da fauna fóssil do Arquipélago de Cabo Verde. *Bol. Agência Geral das Colónias* 25: 77-82, Lisboa, 1927.

A colecção de Cabo Verde foi ampliada nos anos subsequentes com a entrada de novos exemplares coligidos por Bebiano nas campanhas de 1930-1931 (Assunção, 1946), atingindo cerca de um milhar de amostras. Sousa Torres continuou a investigação desses materiais, dedicando-lhes parte do tempo da bolsa que lhe foi atribuída pela Junta de Educação Nacional (JEN) para um estágio em Paris para os confrontar com a documentação do Laboratório de Geologia da Escola de Minas, com Henri Douvillé (1846-1937). As conclusões deste estudo viriam a ser condensadas numa extensa “memória” partilhada com o seu amigo e colaborador da Junta das Missões José Pires Soares¹ que incluiu também o estudo de parte da amostragem enviada em Outubro de 1898 por Francisco Newton (1864-1909), naturalista do Museu Nacional (Costa, 1936)².

A bolsa concedida pela JEN em Outubro de 1931, tinha como principal objectivo a reclassificação da colecção de fósseis franceses oferecidos em 1855 pelo grande paleontólogo Alcide d'Orbigny (1802-1857) ao Rei D. Pedro V, incorporada no Museu Nacional em 1863. Maioritariamente constituída por exemplares bem conservados pertencentes aos “*sub-reinos dos molluscos e radiados*” (Almeida, 1868), sobretudo jurássicos e cretácicos, contemplava 1722 amostras.

Só uma colecção possuímos, em Portugal, organizada por D'Orbigny, com exemplares típicos, idênticos aos que figuram no «Muséum d'Histoire Naturelle» e da mesma proveniência. As designações sistemáticas originais estão hoje muito antiquadas e, embora se mantenham por fidelidade de referência, estavam exigindo, para utilização dos estudiosos de geologia e Paleontologia, um catálogo suplementar, elucidativo sobre as denominações modernas que pertencem a cada uma das 600 espécies representadas nessa colecção (Relatório JEN, 1933).

Embora no relatório entregue à JEN aquando do regresso a Lisboa, o bolseiro referisse ter em preparação um catálogo descritivo, ilustrado, da colecção d'Orbigny, essa obra não chegou a ser editada nem tão pouco encontrámos elementos que se lhe possam referir.

O *naturalista-geólogo*, como o próprio se intitulava, voltaria às mesmas instituições em 1934, “a expensas suas”, para se consagrar a “estudos

¹ V. (colaboração com J.P. Soares): Formações sedimentares do Arquipélago de Cabo Verde. I - Actualização de conhecimentos. *Memórias / Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais*. Serie Geológica, 3. 397 p. Lisboa, 1946.

² Xavier d'Almeida, naturalista do MMG entre 1864 e 1878, assinala a existência de uma outra colecção de Cabo Verde constituída por “407 frascos com *terras volcanicas*” (1868 p. 122), não referida nas notas de Sousa Torres.

úteis ao prosseguimento da revisão taxonómica das colecções paleontológicas” que lhe estavam confiadas¹. Estes estágios reflectiram-se de forma proveitosa tanto na organização geral das colecções da sala de Paleontologia, designadamente a de Paleozoologia segundo a sistemática *Zitteliana* (6035 invertebrados e 1140 vertebrados), como na paleobotânica (cerca de 1000 exemplares organizados segundo Schimper), como ainda na redacção dos respectivos catálogos.

Os resultados destes estudos acham-se sintetizados na sua moderna classificação que, em homenagem à memória veneranda do fundador da paleontologia estratigráfica, não elimina a nomenclatura original, mas estabelece a sua equivalência, constituindo, a bem dizer, um verdadeiro glossário sinonímico (Costa, 1938).

No início dos anos quarenta, Sousa Torres voltaria a solicitar uma subvenção do Estado, através do Instituto de Alta Cultura (IAC), para incrementar os trabalhos de revisão e catalogação das colecções de paleontologia e estratigrafia que reuniam cerca de trinta mil exemplares “cujas classificações se encontram antiquadas ao ponto de não serem úteis no grau que poderia permitir o seu alto valor científico quando actualizada a classificação” assim escrevia no pedido, deferido em Julho de 1941.

No relatório enviado ao IAC no ano seguinte sobre o andamento dos trabalhos, Sousa Torres apontava como principais sucessos do projecto a revisão de 6058 espécimes integrando nas colecções 200 amostras portuguesas, um incremento na etiquetagem e numeração de 3172 amostras. Colhera-se assim a vantagem de se ter acelerado em “mais de 200% a cadência normal dum empreendimento do género” e terem sido salvos de perda cerca de 6000 objectos paleontológicos, garantindo assim a sua “autenticidade d’origem e designativa” a favor dos interessados na consulta daquele documentário².

INTERESSE PELA GEOLOGIA COLONIAL

A relação de trabalho com Alfredo Freire de Andrade, de quem foi assistente, terá sido decisiva na recomendação de Sousa Torres para preparar e chefiar a Missão Geológica de Angola (1922-1933) criada por iniciativa do Alto Comissário daquela província, general Norton de Matos, primeira

¹ Cf. A.S.Torres, Arquivo biográfico. 5/11/1942. ST92.38. AMMG.

² Cf. A.S. Torres [Informação ao IAC sobre subsídio concedido em 1941], 1942. ST92.36. AMMG.

entidade governamental encarregada de coligir os elementos necessários para a respectiva Carta Geológica¹. A preparação da Missão, provisoriamente sediada no MMG, começou em 1921 com o recrutamento e formação dos colaboradores e a aquisição dos equipamentos necessários. Romão de Sousa, foi chamado por Sousa Torres para instruir os futuros colectores até à sua partida para Angola em Janeiro de 1922, usando para isso as colecções do museu e amostras dos Serviços Geológicos.



Figura 2. António Sousa Torres, 1922. Cortesia do MMG.

Embora a estada do naturalista em África tenha terminado em 1926, o seu envolvimento com os estudos de geologia colonial não esmoreceu. Pelo contrário, além de defender, viva e publicamente, a necessidade de se continuar a investir no reconhecimento geológico dos territórios ultramarinos, Sousa Torres empenhou-se na valorização do núcleo de colecções africanas do MMG, anteriormente organizado pelo general Freire de Andrade, reforçado com as colecções enviadas pela Missão Geológica de Angola, de que o naturalista fora investido “delegado officioso em Lisboa”.

No museu onde pertenco, os naturalistas trabalham diariamente desde as 9 horas até às 17 ou 18 horas, não só na remodelação actualizadora das colecções, mas ainda na organização duma secção colonial que, no seu género, será a melhor do país; dela sairá publicado o primeiro esboço da geologia da província de Moçambique, acompanhado duma desenvolvida memoria compilativa e feito pelo naturalista Carlos Freire de Andrade².

A realização em Lisboa do Congresso Colonial de 1930 e a participação portuguesa na Exposição Colonial de Paris em 1931, terão sido, certamente, vectores de encorajamento e reforço das convicções do

¹ V. Brandão, 2008.

² Cf. A.S.Torres, [Carta particular sobre os lugares de naturalista], 15/1/1929. ST92.57. AMMG.

naturalista na necessidade de incremento da investigação geológica do ultramar, tendo por base a constituição de colecções representativas, nas principais instituições científicas da Metrópole. Foi já sob direcção de Machado e Costa, que o núcleo de colecções do ultramar, totalmente reorganizado por Sousa Torres foi transformado na "Sala do Império Colonial Português", aberta em 1938, onde foram concentrados todos as colecções coloniais do museu.

Além das colecções de Cabo Verde e de Angola, Sousa Torres que entretanto deixara o serviço docente para se dedicar ao museu a tempo inteiro, trabalhou também com materiais da Guiné a cujo Governador solicitara o envio de amostras destinadas à preparação da contribuição portuguesa para a Carta Geológica Geral de África. Desta antiga província, recebeu o museu, em 1932, uma pequena colecção litológica remetida pelo Rev.º Miranda Magalhães e, até 1946, pela mão do seu antigo companheiro da Missão de Angola Henrique O'Donnell, várias remessas de rochas, fósseis e laterites da região de Bissau.

O estudo destas amostras, continuou para além da sua aposentação em Setembro de 1946, data a partir da qual se tornou colaborador permanente da Junta das Missões Geográficas, com o estatuto de "Assistente extraordinário", tendo sido publicado sobre elas algumas notas apresentadas em congressos, algumas assinadas com Pires Soares e O'Donnell¹.

Do núcleo de colecções coloniais fazia também parte um conjunto de amostras de Timor recolhidas pelo major de engenharia Magalhães Inglês entre 1914 e 1917, a que se somou, mais tarde, a remessa do engenheiro Artur do Canto (1897-1945), chefe da recém-criada Missão Geográfica de Timor (Costa, 1936). O estudo destas amostras, realizado com Pires Soares, foi também objecto de uma nota científica apresentada ao Congresso Geológico Internacional, reunido em Londres em 1948². Lamentavelmente estas colecções perderam-se no incêndio de 1978, delas restando apenas a relação original escrita pelo último colector, bem como algumas lâminas delgadas que tinham ficado na posse de Sousa Torres.

¹ (Com J.P. Soares e H. O'Donnell). 1946. Alguns testemunhos geológicos da Guiné Portuguesa - contribuições paleontológicas. *Anais da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais*, 1: 32-39; 1950. Notas de um primeiro estudo micrográfico sobre calcários de Bissau. *2ª Conf. Int. Africanistas Ocidentais*, 1: 27-30, [Bissau, 1947]; (Com J.P. Soares e H. O'Donnell). 1950. Guiné portuguesa - Contribuições paleontológicas. *2ª Conf. Int. Africanistas Ocidentais*, 1: 31-36, [Bissau 1947]; 1950. Calcários fosfatados de Bissau, Guiné Portuguesa: sua caracterização diferencial [Resumo]. XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Lisboa, 5: 367; Une formation phosphatée à Bissau (Guinée Portugaise) : resumé. 1951. Rep. 18th Int. Geol. Cong., [Londres 1948], 18, part 13: 295. London.

² (Com J. Pires Soares). 1952. Quelques contributions géologiques sur le Timor Portugais. Rep. 18th Int. Geol. Cong., [Londres 1948], 18, part 13 : 238-239. London.



Figura 3. Amostras de Timor recebidas por Sousa Torres no final dos anos quarenta, depositadas no MMG. Foto, C. Marques.

Em meados de 1948, o Governador-Geral da província de Timor enviou a Sousa Torres uma nova colecção de rochas com cerca de 500 exemplares, que o naturalista estudava quando a morte o surpreendeu em 1958, aos 82 anos. Actualmente incorporadas no acervo do MMG, estas amostras constituem certamente um dos raros testemunhos geológicos da antiga colónia existentes em território nacional.

FUNÇÃO CULTURAL DOS MUSEUS

Se bem que pelo menos desde finais do século XIX se viesse a enfatizar o desenvolvimento da função pedagógica e cultural dos museus, o crescimento sistemático das colecções e a investigação continuaram a ser, durante muitos anos, considerados como principais responsabilidades dos museus de História Natural, paradigma do qual os museus universitários portugueses não foram excepção. Nesta óptica, as colecções existiam para responder às necessidades do ensino e da investigação intra-muros.

O contacto com as dinâmicas funcionais dos museus estrangeiros, nomeadamente os de Londres e Paris, deram a Sousa Torres, moldaram, sem dúvida, as convicções de Sousa Torres quanto à dimensão educativa e cultural dos museus, a vertente menos desenvolvida dos museus científicos universitários portugueses.

Ninguém, mesmo de modesta cultura intelectual, desconhece a proficuidade dos conhecimentos de História Natural. O próprio público, até o de condição mais humilde, colhe gostoso enlevo ante as exposições dos Museus, que, entre nós, estão ainda organizadas segundo moldes clássicos e não proporcionam uma vulgarização de noções graduada desde uma iniciadora fase, até um grau progressivamente mais elevado a dentro das generalidades é claro. Quem não for especialista, e é este o caso mais comum, retira quase sempre dos

nossos museus, aturdido com a vastidão dos mostruários [...] Obteve um transitório recreio visual e talvez desconexas noções, de que lhe não resulta benefício algum de carácter pratico..."¹

Nesta perspectiva, o naturalista concluía da necessidade de retirar aos museus o carácter de meros "armazéns de curiosidades", para os transformar "em activos difusores dos mais úteis conhecimentos".

Ao simples recreio contemplativo, suscitado pela beleza dos exemplares expostos, terão de juntar-se as informações suficientes para que fique o público esclarecido sobre o alcance pratico de muitas noções facultadas através dos mostruários [...] A convicção de que seja algum dia executado entre nós tão plausível empreendimento vem animando a nossa modesta contribuição para rejuvenescer, pouco a pouco, uma parte da classificação das valiosas colecções de geologia estratigráfica pertencentes à secção geo-mineralógica do Museu História Natural anexo à FCUL².

Apesar da continuada manifestação e desejo de Sousa Torres de que os museus de História Natural, designadamente o Museu Nacional, se convertessem em "centros de cultura popular e bases efectivas de futuras explorações científicas" (Torres, 1941), o MMG continuou ao longo dos anos, como se referiu, a eleger como prioridades a investigação e o ensino, funcionando na prática como um prolongamento "natural" da secção de Geologia da Faculdade de Ciências. Galopim de Carvalho e C. Lopes (1987) vão mesmo mais longe ao afirmarem que a ausência de público no MMG foi assunto que nunca terá preocupado as sucessivas direcções até aos idos anos setenta; pelo contrário, "o seu isolamento [do museu] permitia aos cientistas da casa, e a muitos outros, o prosseguimento, a tempo inteiro, das suas investigações".

Todavia, não deve negligenciar-se o facto de, no domínio da comunicação museológica, ter havido por parte dos sucessivos naturalistas do MMG, particular cuidado na apresentação rigorosa e metódica dos materiais expostos, bem como, na década de trinta, do lançamento de um boletim

¹ Cf. A.S. Torres, [Conferência "Alguns aspectos da educação colonial"], 1928. ST92.200. AMMG.

² Cf. A.S.Torres, [Relatório do bolsheiro], 1932. ST92.37. AMMG.

científico, que se manteve regularmente até 1980, e a publicação de três inventários de minerais por A. Machado e Costa¹.

NOTAS FINAIS

O trabalho dos naturalistas exigia, além de um amplo conhecimento da diversidade da Natureza, a realização, com proficiência, das tarefas envolvidas na investigação e conservação das colecções. Competia também a estes profissionais dos museus a realização de colheitas e explorações, nomeadamente de explorações coloniais, mesmo que tal implicasse o “sacrifício das suas comodidades às exigências e contingências” de tais trabalhos (Jorge, 1942). Sobre os naturalistas recaia ainda uma outra responsabilidade “inglória e anónima” (*id. ibid.*): a explicação dos objectos a expor ao público, organizando as exposições, elaborando os catálogos e apoiando os visitantes.

É nossa convicção que a longa carreira do bacharel António Sousa Torres como naturalista dos museus universitários do Porto e Lisboa, que aliás prosseguiu muito para além da idade limite oficial, ilustra bem a multiplicidade de tarefas a que estes profissionais tinham de prover. Além do trabalho de gabinete que perdurou no tempo, o naturalista teve ainda o privilégio de acrescentar ao seu currículo, a experiência de alguns anos de trabalhos de campo como geólogo colonial.

AGRADECIMENTOS

O autor expressa os seus agradecimentos aos Directores e aos Colegas do Museu Mineralógico e Geológico (Museu Nacional de História Natural), detentor do espólio documental (AMMG) e do Arquivo Histórico do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (AHMCUL), pelas facilidades concedidas na consulta dos respectivos acervos documentais e ao Prof. Dr. Pedro Callapez, Universidade de Coimbra, a leitura do original.

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

- ALMEIDA, F. Xavier d'. 1868. *Notícia das colecções da secção mineralógica do Museu Nacional de Lisboa*. Lisboa. Typografia Lisbonense.
- [ANDRADE, M. Montenegro de]. 1969. Esboço histórico do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico. In: *Faculdade de Ciências do Porto, 1762-1803-1837-1911*.

¹ V. *Inventário de Minerais. Colecção geral de pedras preciosas e de minerais de ornamentação*; (1938) – *Inventário de Minerais – colecção colonial*; (1939) - *Inventário de Minerais. Portugueses*. Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Lisboa.

- ANTUNES, M. Telles. 2010. Pesquisa em Portugal de vertebrados do miocénico até cerca de 1980. In: J. M. Brandão *et al.* (eds.), *Colecções e museus de Geologia: missão e gestão*, p. 25-42 Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra / CEHFCi.
- ASSUNÇÃO, Carlos F. Torre. 1958. Dr. António da Silva e Sousa Torres (1876-1958). *Boletim Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Lisboa*, 26: 281-283.
- BEBIANO, J. Bacelar. 1927. Missão Geográfica de Cabo Verde: Alguns trechos do relatório sobre o reconhecimento geológico da ilha de Sant'Iago. *Boletim da Agência Geral das Colónias* 25: 39-77, Lisboa.
- BRANDÃO, José M.. 2008. "Missão Geológica de Angola": contextos e emergência. *Memórias e Notícias*, Universidade de Coimbra, 3 (Nova Série): 285-292.
- BRANDÃO, José M.. 1992a. *António Sousa Torres: Naturalista do MLMG da Universidade de Lisboa (Nota biográfica)*. Com. não pub. Colóquio da APOM, Lamego, Junho de 1992.
- BRANDÃO, José M.. 1992b. *António Sousa Torres e a história do MLMG da Universidade de Lisboa*. Policopiado. Museu Nacional de História Natural. 16 p.
- CARVALHO, A. Galopim e LOPES, César. 1987. Geociências na Universidade de Lisboa: investigação científica e museologia. in: *Faculdade de Ciências de Lisboa, passado presente e perspectivas futuras*. Edição do 150.º aniversário da Escola Politécnica. Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, p. 247-268.
- COSTA, A. Machado e. 1938. O Museu Mineralógico e Geológico. *Revista da Faculdade de Ciências*, 1(3): 121-175. Lisboa.
- COSTA, A. Machado e. 1936. O Museu Colonial. *Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Lisboa*, 5: 69-80.
- CORREIA, Mendes. 1929. *Geologia e Antropologia em Portugal*. Exposição Portuguesa em Sevilha. Imprensa Nacional. Sep. 28 p.
- FERNANDES, J.P.. 1992. A colecção da fauna devónica de Rates (Colheita de Sousa Torres - 1919). In: *Colecções Museológicas*. Pub. Especial dia internacional dos Museus. Faculdade de Ciências do Porto. 6 p.
- JORGE, A. Ricardo. 1942. Museus de História Natural. In: Actas do I Congresso Nacional de História Natural, [Lisboa, 1941]. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*, 13(1): 61-84.
- GOMES, J. Pedro. 1916. Notas sobre a disposição das colecções da Secção Mineralógica e Geológica do Museu Nacional de Lisboa. *Comunicações Serviços Geológicos de Portugal* 11: 138-144.
- Relatório dos trabalhos efectuados em 1931-1932*. Publicações da Junta de Educação Nacional, 7. Junta de Educação Nacional Lisboa, 1933.

- ROSAS da SILVA, Domingos. 1937. As ciências geológicas da Academia Politécnica do Porto. In: *O ensino na Academia Politécnica. Universidade do Porto. 1º Centenário da Fundação da Academia Politécnica e da Escola Médico-Cirúrgica, 1837-1937*. Sep. 33 p.
- TORRES, A. Sousa. 1941. Actividade paleontológica em Portugal. *Actas do I Congresso Nacional de Ciências Naturais* [Lisboa, 1941], Livro I: 121-133. Lisboa. Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais.